

IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL

Universidade de Caxias do Sul – Mestrado em Turismo

Caxias do Sul, RS, Brasil – 7 e 8 de julho de 2006

“Turismo: Responsabilidade Social e Ambiental”

Vida Urbana em São Paulo: cidade in-visível¹

Mônica Bueno Leme

Suzel Marcia Maciel²

Centros Universitários Belas Artes de São Paulo e SENAC

Universidade Braz Cubas – UBC São Paulo

Resumo

Desafiadora na diversidade de suas identidades múltiplas, São Paulo fascina seus protagonistas. Ao “experimentá-la”, uma sensação de embriagues domina nossos sentidos. Enquanto espaço turístico, seus lugares propiciam entretenimentos diversificados. Para que o turista consiga “saborear” esta multifacetada megalópole, é preciso decifrá-la, desvendá-la, torná-la visível. Este trabalho pretende contribuir na tradução da “dura poesia concreta de tuas esquinas” (VELOSO, 1978)³.

Palavras-chave

Cidade; Morfologia Urbana; Percepção Ambiental; Urbanismo.

¹ Trabalho apresentado ao GT “Espaço Urbano e Turismo de Fronteira” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL - Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.

² Arquiteto e Urbanista pela Universidade Mackenzie de São Paulo, 1983; doutor em Urbanismo pela Université de Paris XII, Institut d’Urbanisme de Paris, 1995, convalidação pela FAU-USP em 1999; coordenadora da pós-graduação Lato Sensu e docente do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo; coordenadora da Linha de Pesquisa “Sociedade, Cultura e Ambiente” e docente do Centro Universitário Senac de São Paulo; docente da seqüência de urbanismo da Universidade Braz Cubas. (mobule@uol.com.br).

Arquiteto e Urbanista pela Universidade Braz Cubas de São Paulo, 1977; especialista em Paisagismo pela FAU-USP, 1980; docente da seqüência de paisagismo da Universidade Braz Cubas de São Paulo; arquiteta autônoma com escritório próprio; professora de pós-graduação no curso de especialização “Paisagem e Cidade” do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. (suzelmm@uol.com.br).

³ Cantor e compositor brasileiro Caetano Veloso. Música de 1978, “Sampa”.

I. Para que possamos estruturar nossa reflexão, optamos por identificar as cidades enquanto espaços turísticos, entendendo o conceito de morfologia urbana que vem a definir sua configuração. Podemos imaginar que a diversidade no tecido urbano venha contribuir para uma nova concepção de cidade turística, onde sua permanente mudança de configuração da paisagem trabalhe como um identificador de suas particularidades. Os elementos urbanos inter-relacionados adquirem novos significados, possibilitando interpretações diversas, principalmente ao considerarmos os novos leitores envolvidos no processo. Este reconhecer, ou seja, a nova concepção de sua imagem nos possibilitará distinguir novos caracteres urbanos, fazendo com que admitamos uma nova realidade, um redescobrir, um novo olhar.

Uma segunda dimensão a ser abordada, diz respeito à apropriação das cidades, a maneira como são vivenciadas por seus moradores e visitantes, as experiências humanas, individual e coletiva. A qualidade físico-ambiental da cidade contemporânea está intimamente ligada aos resultantes das apropriações dos espaços urbanos. Analisar o processo de transformação dos espaços existentes nos leva à compreensão dos significados urbanos. Se observarmos projetos que impulsionaram uma nova qualificação dos espaços urbanos, verificaremos que em geral houve uma reconversão de usos que os acompanharam. Trata-se de intervenções de caráter multidisciplinar aplicadas às práticas dos processos gerenciadores dos ambientes urbanos. Os instrumentos utilizados nestas transformações devem permitir intervenções compatíveis com o contexto urbano, sem esquecer a relevância das estruturas arquitetônicas remanescentes e seus valores.

Por fim, ao descrevermos algumas características morfológicas e de uso da cidade de São Paulo, tentaremos demonstrar e justificar seus potenciais enquanto cidade cultural turística. Cidade esta, onde as diversidades sociais, culturais e urbanas representam sua essência enquanto identidade. Ao considerarmos esta qualidade social enquanto índice de hospitalidade arriscaríamos uma reflexão em relação à composição de seus espaços de uso coletivo. Estes espaços, de acordo com a definição de Kevin Lynch (1980, p. 57) ⁴, não

⁴ Aqui fazemos referência à edição para a língua portuguesa de 1980. A versão original em inglês, "The Image of the City", M.I.T. Press, data de 1960.

devem estar definidos somente em função de sua visibilidade enquanto elemento físico perceptível, mas considerando-se outros fatores que influenciarão na imagem dos indivíduos em relação à cidade. “Há também outros fatores influenciadores da imagem, tais como o significado social de uma área, a sua função, a sua história ou, até, o seu nome”. Nem tampouco, restringirmos nossa leitura ao visível, mas estarmos atentos à visualidade destes locais, associada ao conhecimento e imaginação (FERRARA, 2002).

II. Segundo José M. Ressano Garcia Lamas (1993, p. 37), poderíamos definir morfologia urbana, enquanto “a ciência que estuda as formas, interligando-as com os fenômenos que lhes deram origem”. Se nos ativéssemos a este conceito demonstrado pelo referido autor, baseado entre outros nos estudos de Aldo Rossi⁵, as categorias de análise descritas acima, estariam sendo analisadas concomitantemente. Isso porque, não poderíamos dissociar aspectos do cotidiano da dinâmica das cidades, de sua configuração espacial.

A aplicação do conceito passa a exercer influência nos estudos de urbanismo, principalmente na área de preservação histórica, primeiramente na Itália, embora tenha sido objeto de estudos por parte de geógrafos alemães e franceses no início do século XX (DEL RIO, 1990).

Entendemos que este conceito possa ser utilizado como instrumento de análise, uma vez que agrega as transformações ocorridas no tecido urbano, advindas de sua mutação e geradora de novas formas. As cidades vão se redesenhando, como se seus tecidos fossem constituídos de rascunhos a serem permanentemente substituídos por novos desenhos. A maior parte das cidades brasileiras é marcada pela improvisação de suas construções, envolvendo a arquitetura e o urbanismo.

Se nos parece inconcebível vivermos sem nossas memórias, como poderíamos imaginar que as cidades o fizessem? Estas só conseguem alcançar um nível razoável de desenvolvimento, quando estão alertas para os estudos que revelam suas histórias do

⁵ Publicado com o título original italiano “L’Architettura Della Città”, por Marsilio Editori, Padova 1966.

passado. Na maioria dos casos, pontos turísticos das cidades estão atrelados a lugares históricos. Considerados patrimônio ambiental-cultural, por seus valores histórico, arquitetônico, urbanístico ou afetivo.

A escolha de uma referência morfológica para o início de um povoamento, é óbvia. Vimos através da história, que a origem das civilizações sempre esteve atrelada à escolha de “lugares” para sua implantação. O assentamento, apropriação do território, se dá em função das necessidades de sobrevivência do homem. Sabemos que a história da civilização está intrinsecamente ligada ao início da prática com a agricultura, tornando-se possível o aparecimento de aldeias comunitárias. Neste momento, o homem deixa, em parte de ser nômade, para estabelecer-se em território definido.

Os elementos naturais, a qualidade do solo e sua topografia com função facilitadora de circulação e fluxos e a presença da água enquanto elemento indispensável, desde sempre determinaram a origem dos conglomerados. Como nos explica Lewis Mumford (1982, p. 84),

Não foi por acaso que o primeiro crescimento das cidades teve lugar em vales de rios; e o aparecimento da cidade é contemporâneo dos aperfeiçoamentos da navegação, desde o feixe flutuante de juncos ou de troncos até o barco impelido por remos ou velas.

Poderíamos citar vários autores que destacam a importância do elemento água enquanto ecossistema⁶. Todos vinculados ao assentamento do homem em seu território. A arquiteta paisagista Anne Whiston Spirn (1995, p. 145), em seu livro sobre a natureza da cidade, sugerindo um desabafo através de seu título “O Jardim de Granito”, nos fala que “a água é o sangue da vida das cidades: impele as fábricas, aquece e esfria as casas, nutre os alimentos, mata a sede e carrega os dejetos”.

Quanto ao solo e sua topografia, gostaríamos de introduzir o conceito de chão, onde o homem se apropria de seu lugar e o percorre largamente explorado por estudiosos de

⁶ ECO sistema que inclui os seres vivos e o ambiente, com suas características físico-químicas e as inter-relações entre ambos (Houaiss, 2001).

diferentes áreas do conhecimento e, sintetizado na frase de José M. Ressano Garcia Lamas (idem, p. 80): “É a partir do território existente e da sua topografia que se desenha ou constrói a cidade, e começaria no ‘chão que se pisa’ a identificar os elementos morfológicos do espaço urbano”.

Poderíamos nos estender na demonstração da significância dos elementos naturais para chegarmos ao cenário construído da cidade, sua paisagem. No entanto, objetivando não nos distanciar demasiadamente do foco de nosso trabalho, amarraríamos a questão com a observação de Maria Ângela Faggin Pereira Leite (1994, p. 7): “Uma paisagem modificada pelo homem não é, portanto, uma paisagem antinatural, mas uma paisagem cultural que deve atender tanto a critérios funcionais quanto estéticos”.

A apropriação dos lugares, sempre esteve e está presente até hoje no cotidiano dos indivíduos que freqüentam e desfrutam do convívio nas cidades. Elegemos hoje bairros, onde compartilhamos nossos percursos urbanos. Em grandes metrópoles, ou megalópoles, é muito comum que as pessoas se isolem em função de suas localizações espaciais. A exigência de grandes deslocamentos em função das distâncias a serem percorridas, faz com que alguns optem por habitar, trabalhar, estudar e, mesmo desfrutar de entretenimentos, em uma determinada área geográfica específica das cidades.

A cidade enquanto espaço visível nos é guiada através de informações, sinalizações de acesso e permeabilidade a seus espaços. Descrevemos anteriormente, um pouco sobre a importância da história. Para a maioria dos turistas, os guias de viagem são considerados indispensáveis e, poderíamos entender esta relação, através da descrição a seguir:

As descrições historiográficas e os guias de viagem têm tudo em comum. Numa paisagem à primeira vista pouco diferenciada e rica, indicam perspectivas, desenham percursos, destacam monumentos ou curiosidades e ordenam o mundo, utilizando, com ponderações diferentes de acordo com o público visado, os critérios do notável e do útil. Assim, historiadores e cicerones ocupam uma posição semelhante: desempenham o papel de intermediários culturais entre o visitante estrangeiro e uma sociedade local inicialmente pouco compreensível. (LEPETIT, 1996, p. 45).

III. Adentraremos nesta parte questões relativas à apropriação dos espaços. Joseph Rykwert (2004) já sinalizava a preocupação em relação às cidades excessivamente edificadas, onde existiria uma predominância de “abrigos” em prol dos espaços públicos. Os espaços “públicos – coletivos” espelham o exercício da cidadania. Alguns críticos analisam as cidades americanas, considerando-as como socialmente fragmentadas, onde o sentido de urbanidade que marcou as cidades do passado não está presente.

Conforme seus críticos, elas não chegam a ser cidades. Pelo menos, não são cidades se se considerar que cidades de verdade precisam ter catedrais e praças abertas, e não garagens para estacionamento e *shoppings* fechados; que elas precisam ter cafés nas calçadas, não Pizza Huts, onde se pode entrar com o carro, e cinemas, não complexos cinematográficos; que as cidades de verdade são bonitas, arrumadas, atraentes e não inacabadas e comerciais. (RYBCZYNSKI, 1995, p. 31).

Estas características nos resgatam o conceito de hospitalidade, enquanto acolhimento⁷. Identificaremos hospitalidade enquanto “dom do espaço”.⁸ A transposição do espaço ao lugar, ocorre quando existe uma qualificação deste espaço. Neste momento, evidencia-se uma melhoria na qualidade de vida e conforto do homem. Trata-se de aspectos psicológicos ora envolvidos, associados aos enfoques perceptivo, cognitivo e comportamental. Significa um exercício de percepção do real, digerido de forma a usufruirmos destes espaços.

A estrutura das cidades está associada a diferentes tipologias de lugares. Esta diversidade, a surpresa, a descoberta, a procura, quebra de preconceitos, é a riqueza do viver nas cidades. O permanente encontro, desencontro, alegrias, frustrações. Escolhemos ir de encontro às cidades, para termos vizinhos, pontos de encontro. Muitas vezes sentimos a sensação de estarmos acompanhados, de termos vida coletiva, mesmo se determinados momentos nos sintamos sozinhos no meio da multidão que nos cerca. A relação com a cidade é de significado social-comportamental. Trata-se de um ser vivo em permanente mutação, que nos atrai, seduz.

⁷ No trabalho apresentado por Lucio Grinover “A Hospitalidade Urbana”, o autor define o conceito acolhimento como “remanescência da antiga hospitalidade adaptada à hospitalidade moderna” *apud* José Seydoux, in: “De l’hospitalité à l’*accueil*” Denjes-Suiça, Delta & Spes S. A., 1983.

⁸ Jacques Godbout (1997) *apud* Lucio Grinover (2005).

Hoje, quando as pessoas buscam maior segurança, os espaços de convívio que deveriam estar abertos e convidativos, tornam-se lugares de reclusão e exclusão, como o caso dos *shoppings-centers*.

Os *shoppings* criam espaços de “acesso Público”, mas não são efetivamente públicos, o que fica claro se averiguarmos o tipo de práticas permitidas, toleradas ou proibidas pelas respectivas administrações, evidenciando um controle eminentemente privado. (FRUGOLI, 1995, p. 95).

Nestes lugares, perdemos a noção do tempo, vagando no universo atemporal. Perdemos o sentido da importância da natureza na cidade.

A apropriação dos lugares está associada à adequação, conveniência. Para que isto ocorra, estes devem nos remeter a certa familiaridade. Nos espaços públicos onde existe uma preocupação com o entretenimento dos cidadãos, torna-se evidente o comprometimento destes para com a preservação destes patrimônios culturais das cidades. A vivência destes espaços, sua apropriação estão vinculadas às ações do cotidiano. A gestão destes lugares deve levar em conta a identidade do ambiente construído e seu valor social-cultural simbólico. Promover a satisfação da população, sua qualidade de vida urbana, são funções intrínsecas da administração pública. Torna-se necessária uma leitura aprimorada do comportamento de bem estar da população.

Como organismo vivo, a cidade exige uma participação cidadã de seus usuários. Segundo Lucrecia D’Aléssio Ferrara (1999, p. 76), “cidadão é aquele que ultrapassa a condição de usuário urbano para assumir o pólo das decisões e vetorizar os destinos da cidade e dos interesses públicos [...] a cidadania é um exercício”.

Para que este cidadão, consciente de sua representatividade, faça a leitura e identifique determinados lugares da cidade como pontos de encontro, é preciso que os mesmos ajam sobre o inconsciente e consciente dos indivíduos, despertando uma relação de troca e entusiasmo. Este dar, receber e retribuir, nos remete ao conceito de hospitalidade descrito

por MAUSS (1974).⁹ Não é nosso objetivo neste artigo, aprofundar mais sobre o conceito de hospitalidade, porém para aqueles que sentirem necessidade de fazê-lo, indicá-riamos o livro do professor Luiz Octávio de Lima Camargo (2004)¹⁰, onde o autor discorre sobre o assunto, objeto de estudo acadêmico recente, com bastante propriedade.

IV. Segundo estudos sobre a cidade de São Paulo realizados por Caio Prado Jr. (1983)¹¹, podemos descrever sua origem como oriunda da vinda do litoral pela serra do mar, dos padres jesuítas, em meados do século XVI. Este fluxo fez com que houvesse um deslocamento da colonização do litoral ao planalto, vencendo a barreira geográfica existente. A partir de então, a clareira natural dos campos de Piratininga, passa a sediar o início da civilização hoje conhecida. Contribuiu para este assentamento as localizações estratégicas dos Rios Tamanduateí e Anhangabaú.

Ao longo do século XIX, impulsionada pelo ciclo do café no Estado, ocorre uma transformação significativa na então província. Em 1888, com a abolição da escravatura, a mão-de-obra estrangeira paulatinamente passa a substituir o trabalho do negro. A capital da província torna-se o abrigo predileto, dentre outros, dos bem sucedidos fazendeiros da região. Tendo permanecido durante vários séculos, com sua população praticamente estagnada, no final do século XIX passa de cerca de 31.000 habitantes para contar com 65.000 habitantes. PRADO JUNIOR (idem, p. 60).

⁹ Texto pertencente à apresentação do livro “Hospitalidade: Cenários e Oportunidades”, organizado por Ada de Freitas Maneti Dencker e Marielys Siqueira Bueno.

¹⁰ CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. “Hospitalidade”. (Coleção ABC do Turismo), São Paulo: Aleph, 2004.

¹¹ Texto clássico, parte do livro “Evolução política do Brasil e outros estudos”. 3.ed., São Paulo: Brasiliense, 1953.



Fig.1 O cais do Arsenal da Marinha, com vista da Igreja do Mosteiro São Bento, São Paulo.
JUAN GUTIERREZ (c. 1894), acervo Instituto Moreira Salles, Cartão Postal.

A figura acima ilustra a presença da natureza em primeiro plano, com o rio navegável e suas embarcações. Ao alto, colina histórica com a presença relevante do conjunto arquitetônico da Igreja e Mosteiro São Bento. A cidade, começa a se destacar como centro econômico da província. As linhas férreas representaram papel fundamental neste processo, pois permitiram a vinda da população rural para a cidade. Localizadas paralelamente aos cursos dos rios, possibilitaram posteriormente a ocupação do setor secundário da economia.

Início do século XX encontrava-se parcialmente ocupado o espigão central da cidade, hoje Avenida Paulista, com residências luxuosas. Pertencentes inicialmente aos fazendeiros que passam a optar por instalar-se nas cidades em função do conforto urbano e facilidades nos negócios, estes sofrem com a crise do café em 1929. Segundo Prado Júnior (1953 apud FRÚGOLI JÚNIOR, 2000, p. 114):

Já então a progressão cafeeira se interrompera, as novas fortunas saem da indústria e do comércio, quase todo em mãos de estrangeiros, imigrantes enriquecidos nessa Canaã americana: a Avenida Paulista será o bairro residencial dos milionários desta nova fase da economia paulista, estrangeiros ou de recente origem estrangeira quase todos. E a arquitetura do bairro bem o dirá. (Prado Jr., apud Limena 1997, p. 60).



Fig.2 Avenida Paulista, São Paulo – 1952. Cartão Postal Melhoramentos.

A transposição do século XIX para o século XX, deflagra indicadores do surgimento da metrópole. O crescimento populacional, sobretudo ocasionado pela busca de trabalho nas indústrias, fez com que houvesse uma necessidade premente de infra-estrutura urbana. Neste período, surgem os planos urbanísticos para a cidade de São Paulo. O primeiro deles, de 1930, cujo mentor foi o depois prefeito Prestes Maia, previa todo um sistema de circulação, denominado “Plano de Avenidas”. Baseado em experiências estrangeiras, sobretudo a de Paris, previa-se transformar a estrutura urbana existente. Fica então delineado claramente o desenho radio-concêntrico que permanece até os dias de hoje. A imagem de 1940 (fig. 3) nos serve como indicador do acúmulo de veículos no centro da cidade neste período.



Na segunda metade do século XX, com a especulação imobiliária, presenciamos a busca de novos espaços de moradia, agora distantes dos focos de centralidade. Assistimos concomitantemente à verticalização dos edifícios. A cidade começa a identificar-se com o setor terciário da economia (compreendendo comércio, transportes, serviços). Delineia-se sua identidade multifacetada de metrópole contemporânea, megalópole.

V. Em uma cidade fragmentada como São Paulo, onde o espaço urbano provido de melhor infra-estrutura é ocupado pelos detentores da produção, assistimos claramente uma segregação em relação aos seus habitantes. Da mesma forma, visitantes percorrem locais elencados por esta elite, onde existe uma clara fronteira “invisível” a ser transposta para que ocorra um intercâmbio e para que o turista como evocamos anteriormente, sinta-se protagonista desta megalópole. Segundo Flávio Villaça (1999, p. 222, grifo nosso):

O espaço urbano é um produto muito peculiar do trabalho humano. Ele é um produto não-intensional resultante da produção de milhares de valores, por milhares de trabalhadores e milhares de proprietários de meios de produção: edifícios, ruas, redes praças. O espaço urbano, entretanto, tem um valor próprio que não se confunde nem com o valor desses produtos, nem com sua soma. *É o valor da localização.*

O turista busca uma imagem já concebida, fabricada. Ao se deparar com a realidade, onde o visível está associado à riqueza e o in-visível à pobreza, muitas vezes sente-se frustrado. É muito comum turistas com uma percepção aguçada pedirem para que os levem visitar favelas. Neste mundo globalizado, a imagem veiculada pela mídia e a realidade local, se enfrentam. O simulacro dos lugares atrai o turista de massa.



Fig. 4 Avenida Paulista, São Paulo. GAL OPPIDO (c. 2001). Serie temática de cartões BCP Alô Fácil.

Para que o turista adentre o campo da visualidade e visibilidade de São Paulo, é necessário que perceba primeiramente a diversidade de suas identidades múltiplas. Para que tenhamos uma idéia de sua identidade, basta uma leitura empírica guiada por cartas geográficas, com variação de um determinado espaço de tempo. Verificaremos que não será mais possível identificarmos seus espaços, diante da velocidade de suas mutações.

Segundo Massimo Canevacci¹² é preciso estar atento aos interstícios da cidade. É como se falássemos dos espaços residuais, da transição passado e futuro, do local comunicacional, onde ocorre o pulsar da mudança. Remete-nos à descrição do “flaneur” de Walter Benjamin

¹² Palestra proferida para os alunos da pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, em 13 de abril de 2006.

(1985). A busca sem expectativas, mas com esperança do novo, da descoberta, da surpresa, dos desafios, do desconhecido. Reside aí o encantamento que uma cidade como São Paulo pode propiciar a seus turistas.



R. Xavier de Toledo esquina com Viaduto do Chá



R. XV de Novembro

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, W. "Paris Capital Do Século XX". In: KOTHE, F. R. (org.). "*W. Benjamin*". São Paulo: Ática, 1985.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. "*Hospitalidade*". (Coleção ABC do Turismo), São Paulo: Aleph, 2004.

DEL RIO, Vicente. "Integrando A Psicologia E A Arquitetura E Urbanismo Por Meio Do Projeto". In: DEL RIO, V.; DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso (orgs.). "*Projeto Do Lugar*". Rio de Janeiro:Contra Capa Livraria/PROARQ, 2002.

_____. "*Introdução Ao Desenho Urbano No Processo De Planejamento*". São Paulo: Pini,1990.

DENKER, Ada de Freitas Maneti & BUENO, Marielys Siqueira (orgs.) "*Hospitalidade: Cenários e Oportunidades*". São Paulo: Pioneira-Thomson Learning, 2003.

FERRARA, Lucrecia D'Álessio. "As Cidades Ilegíveis: percepção ambiental e cidadania". In: DEL RIO, V.; DE OLIVEIRA, Livia (org.). "*Percepção Ambiental: a experiência brasileira*". São Paulo: Studio Nobel, 1999.

_____. "Os Lugares Improváveis". In: YAZIGI, Eduardo (org.) "*Turismo e Paisagem*". São Paulo: Contexto, 2002.

FRUGOLI JUNIOR, Heitor. "*Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*". São Paulo: Cortez: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

_____. "*São Paulo: Espaços Públicos E Interação Social*". São Paulo: Marco Zero, 1995.

GRINOVER, Lucio. "*A Hospitalidade Urbana*". COLOQUIO INTERNACIONAL: "HOSPITALITE ET DEVELOPPEMENT DURABLE", 4-5 avril 2005, Clermont-Ferrand. Clermont-Ferrand: Université Blaise-Pascal, 2005.

INSTITUTO ANTONIO HOUAISS. “*Dicionário Houaiss Da Língua Portuguesa*”. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. “*Morfologia Urbana E Desenho Da Cidade*”. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1993.

LEITE, Maria Ângela Faggin. “*Destruição ou Desconstrução?*”. São Paulo: Editora Hucitec/Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 1994.

LEPETIT, Bernard. “*Por Uma Nova História Urbana/Bernard Lepetit*”; org. Heliana Angotti Salgueiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

LYNCH, Kevin. “*A Imagem Da Cidade*”, (1960). São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MAUSS, Marcel. “*Sociologia e Antropologia*.” São Paulo: EDUSP, 1974.

MUMFORD, Lewis. “*A Cidade Na História: suas origens, transformações e perspectivas*”, (1961). São Paulo: Martins Fontes, 2ªed. Brasileira, 1982.

PRADO JÚNIOR, Caio da Silva. “*A Cidade De São Paulo: Geografia e História*”. (Tudo é História; 78). São Paulo: Brasiliense, 1983.

ROSSI, Aldo. “*A Arquitetura Da Cidade*”, (1966). São Paulo: Martins Fontes, 1995.

RYBCZYNSKI, Witold. “*Vida Nas Cidades: expectativas urbanas no novo mundo*”. Rio de Janeiro: Record, 1995.

RYKWERT, Joseph. “*A Sedução Do Lugar: A História E O Futuro Da Cidade*”, (2000). São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SPIRN, Anne Whiston. “*O Jardim De Granito: A Natureza No Desenho Da Cidade*”. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

VILLAÇA, Flávio. “Efeitos Do Espaço Sobre O Social Na Metrópole Brasileira”. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de... (et al. orgs.). “*Metrópole E Globalização: Conhecendo A Cidade De São Paulo*”. São Paulo: CEDESP, 1999.